

*Uma Síntese da Influência da Cultura Lusíada no Japão **

Estela Okabayaski FUZII
Universidade Estadual de Londrina

Introdução

Passados mais de 500 anos da data em que se celebra o encontro de Portugal – Japão, constitui uma honra poder abordar este encontro, de duas culturas milenares tão diversas em mundos geograficamente tão distantes.

O primeiro encontro do Japão com o Ocidente constitui uma história fascinante e de candente atualidade, quase desconhecida no Brasil e quiçá em Portugal. E durante o período de um século, de 1543 – em que chegaram os portugueses em terras japonesas até que são expulsos definitivamente todos os estrangeiros – a 1643, Portugal deixou a marca de sua presença.

1 Antecedentes

O Japão foi um país mitológico que inicia com a Deusa Solar *Amaterasu*, que gerou a terra do mar e entregou-a a seu filho e representante, o Imperador. Os japoneses aceitavam com a mesma credibilidade com que os ocidentais aceitavam ao pé da letra a história de Eva, maçã e a cobra, ou comparando minimamente, aos heróis mitológicos gregos.

Sob o aspecto geográfico, as ilhas criadas pela deusa se alinham de norte a sul, e a sudoeste do continente asiático. Principais ilhas: *Hokkaido*, *Honshu*, *Shikoku* e *Kyushu*, e ao redor delas centenas de pequenas ilhas se espalham.

O Japão hoje, incluindo *Ryukyu* (Okinawa), abrange uma área total correspondente a pouco mais de 5% do território brasileiro;

* Palestra proferida no Elos Clube de Curitiba em 29 de março de 2003.

e dessa extensão apenas 15% é plana, de terra cultivável e própria para construção de cidades. O resto é colina e serras fechadas de árvores que se complicam com as ondas sísmicas. Além disso, os japoneses tinham e têm que enfrentar a imprevisibilidade de terremotos, vulcões e tufões do verão ao outono. Nessas condições, este povo construiu sua existência e desenvolveu sua cultura. Entretanto, qual era a situação, o contexto histórico-social do Japão na chegada dos portugueses a esse país?

É necessário fazer, embora em amplas pinceladas, um retrospecto, a começar pela figura do Imperador, mencionado inicialmente. *Tenno* é a forma abreviada de seu título, cujos caracteres escritos, ideogramas, significam: rei ou “soberano celestial”. Todavia, *Tenno* começa a aparecer distanciado da narrativa mitológica, quando as crônicas japonesas passam a relatar os acontecimentos da sucessão dinástica e ocorrências da época em que viviam.

Enquanto ritual e prestígio, o Imperador era o centro e ápice do Estado, era ele quem tornava possível a vida do povo, tudo se fazia em seu nome, sua ordem e consentimento. O poder era tal que, conforme seu prazer ou desprazer, elevava ou destituía do cargo, tirava propriedades e até a vida do mais poderoso de seus súditos.

A realidade política era indisfarçável, pois ele vivia em cerimônias e rituais obrigatórios, segundo o mito, para a sobrevivência da nação; e a governabilidade do país era exercida pelos nobres da Corte. Na prática, os poderosos súditos manipulavam a satisfação do Imperador para obter benesses conforme os desejos da facção que dominava a Corte.

Kugue eram os nobres que constituíam a Corte, cujas famílias tinham posse de terras, a única fonte de riqueza e poder naquela época remota. Quando a escrita chegou da China, os nobres começaram a imitar a prática chinesa, adotando funções e títulos e interessando-se pela poesia e pelas artes. Assim, o contato com a terra e seu controle foram enfraquecendo cada vez mais. Acostumados ao luxo e aos prazeres da capital, e receosos com as intrigas que poderiam ocorrer em suas ausências, distantes do Imperador, não mais se afastavam de *Kyoto*.

Assim, a administração das terras imperiais era entregue a funcionários da coroa; as propriedades dos *kugue* foram sendo

passadas para os cuidados de parentes menos poderosos ou servidores de confiança.

Esses gerentes ou administradores, pouco a pouco, estabeleciam alianças com as famílias locais, defendiam as aldeias, a “sua” propriedade contra bandidos ou gerentes ambiciosos. Desse modo, foram se fortalecendo cada vez mais, tornando-se poderosos, reforçados pela distância da Corte, desdém ou fraqueza dos senhores distantes. De administradores passaram a proprietários, de representantes a grandes posseiros, por meios legais ou por chantagem ou lutas. Formou-se, assim, uma classe de gente dura, aguerrida, ambiciosa por mais terras. Denominaram-na de *daimyo*, significando grande família.

Os *keugue* mantinham os títulos e a pompa, os *daimyo* ficavam com a força e a riqueza; seus subordinados que defendiam ou atacavam com armas eram os *bushi*, isto é, guerreiros; a comunidade de chefes e soldados era os *samurais*.

Os *daimyo* não eram, na realidade, proprietários, e se isso era lembrado ou contestado pelo senhor do território vizinho, ocorriam lutas ou disputas sobre a posse das terras. E para isso, cada um deles procurava aliança para proteção mútua ou combates para novos domínios.

O poder da Corte Imperial passou para as mãos de uma nobreza de espada. E quando um *daimyo* conseguia formar uma rede de alianças, chegando a se sobrepor aos demais *daimyo*, obtendo o controle da capital e legitimando seu poder ante o Imperador, era intitulado *Shogun* – comandante supremo, generalíssimo imperial. Esse sistema de governo, que é um governo militar, os japoneses chamaram de *bakufu*, ou seja, Shogunato.

Quando o poder do *bakufu* era eficiente, reinava a paz no país. Mas quando esse poder enfraquecia, outros *daimyo* procuravam conquistar o Imperador e receber o título e a autoridade de *Shogun*.

No século XVI, o Shogunato da decadente família Ashikaga levou o país a um sem-fim de guerras civis, com os *daimyo* se lançando uns contra outros, buscando poderio e a conquista de mais terras. As lutas constantes resultaram em anarquia e a unificação tornou-se indispensável para a própria sobrevivência do país.

Foi nesta época que os Portugueses chegaram ao Japão e, entre outras influências, mudaram o caráter primitivo dos combates.

Mas a unificação política ocorreu a partir dos fins do século XVI, cujo processo iniciou-se com a atuação de Oda Nobunaga. Aqui, sem relatar acontecimentos e combates dessas décadas de guerra civil, é preciso nominar três homens que estabeleceram ordem ao caos reinante: Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Ieyasu Tokugawa. Eles se sucederam no poder e o último Shogunato moldou a história do Japão por dez gerações. Em seguida veio a Restauração Meiji, em 1858.

O período da chegada dos portugueses ao Japão e as relações de um século entre estes povos constitui, na História Universal, uma fase de vigor significativo da Idade Moderna, quando se registravam fatos marcantes do Renascimento, da Reforma, Descobrimientos, guerras religiosas, dinásticas, expansão colonial e conquista de mercados.

Foi, sobretudo, por intermédio das relações luso-nipônicas que a nação japonesa tomou conhecimento dos aspectos importantes da cultura europeia e do resto do mundo. Até então, a grande fonte de conhecimentos avançados que os japoneses tinham era a China, e causou impacto cultural quando entraram em contato com os *Nanban-jin* (bárbaros do sul). Esta denominação não é pejorativa, pois se referia aos povos do sudoeste da Ásia. Os portugueses, depois os espanhóis e outros que vinham do sul, genericamente eram chamados de *Nanban-jin*.

Pelas ocorrências e características culturais, *Ryukyu* (Okinawa), que se situa no extremo sul do Japão, semi-independente na época, recebeu, através de seus guerreiros e comerciantes, marcante influência da China: escrita *kanji*, construção de navios, administração pública (confuciana) etc. Desenvolveu rapidamente o comércio, tinham bons navegadores e era freqüente o contato com Coréia, Japão, persas, turcos, egípcios, indianos, armênios etc., no grande empório de Malaca, na península Malaia. Neste local, um estreito, que era passagem da Índia para o Pacífico, negociavam entre si povos de quase sessenta nacionalidades diferentes.

Por isso, acredita-se que os okinawanos foram os primeiros japoneses que fizeram contato com os portugueses. O desenvolvimento de *Ryukyu* (Okinawa) estagnou quando, em 1609, as ilhas foram anexadas ao feudo de Satsuma, autorizado pelo *Shogun* Tokugawa. O

veneziano Marco Pólo, por volta de 1295, fala de um país rico chamado Zipangu que ouvira falar na Corte de Kublai Khan.

Realmente, este neto de Gengis Khan tentou invadir o arquipélago por duas vezes, em 1274 e 1281. No entanto, foi derrotado pelos valentes *samurais*, que também foram ajudados por furacões e tempestades. Diziam eles que os deuses os auxiliaram, ou seja, foi o *kamikaze*, “vento divino”. Aqui teria nascido essa expressão, posteriormente usada em outras situações.

Transcorreram dois séculos sem que o Ocidente ouvisse falar do Extremo Oriente, período em que Portugal passou a ser grande potência marítima, e começou sua expansão pelos descobrimentos realizados no século XV.

Efetivamente registrada em documentos, a descoberta do Japão pelos portugueses ocorreu em 1543, portanto há 460 anos. Razão de júbilo e reconhecimento pela riqueza dos elementos culturais deixados pelos filhos de Portugal, e a contribuição para ao desenvolvimento nipônico em tempos tão remotos, e com repercussões posteriores.

2 A Descoberta do Japão pelos Lusos

Em 23 de setembro de 1543, após uma noite de tempestade, na praia de Tanegashima, pequena ilha ao sul do Japão, pertencente ao feudo de Satsuma, foi encontrado um pequeno junco, de fabricação chinesa, parcialmente destruído. Este havia sido desviado da sua rota, açoitado pela tempestade quando viajava de Sião (Tailândia) com destino a Macau para comércio. A bordo estavam os tripulantes portugueses Antonio da Mota, Antonio Peixoto e Francisco Zeimoto; altos de estatura, barba negra, cabelos ondulados, falavam uma língua desconhecida e portavam algumas espingardas.

Um tripulante chinês, Goho, explicou aos moradores locais, escrevendo em caracteres chineses com uma vareta sobre a areia da praia, que os narigudos estrangeiros eram “bárbaros do sul”. Eram pessoas pacíficas, educadas, conheciam a escrita e possuíam certo nível de civilização. Os habitantes locais receberam com carinho e respeito os exaustos, famintos e apavorados tripulantes.

Eram os primeiros japoneses que viam os primeiros portugueses; dois mundos diametralmente opostos se encontravam.

A confirmação do encontro pioneiro foi achada nos documentos da mesma época **“Décadas”**, de Diogo do Couto, e na narrativa japonesa **“Teppô-ki”** (Crônica da Espingarda), escrita pelo monge Nampo Bunshi, de Satsuma. Eles confirmam a data, o lugar e o nome dos navegadores. A praia de desembarque foi a de Nishimura Ko-ura, onde está uma lápide em memória dos portugueses.

Uma das novidades para os japoneses era a espingarda portada pelos lusos, arma de fogo desconhecida no país. Os portugueses mantiveram conversações com o *daimyo* Tokitaka Tanegashima, através de Goho, o intérprete chinês. Este tentou explicar o funcionamento da arma apelando para seus efeitos. Uma breve demonstração de sua eficácia convenceu o *daimyo* e os *samurais* de que essa novidade *tobi-doogu*, ou seja, “ferramenta voadora”, seria importante na arte da guerra – exatamente no período de lutas internas em que viviam.

Quando da demonstração do funcionamento da espingarda, o estampido da arma assustou os presentes, levando-os a taparem os ouvidos com as mãos. O próprio *daimyo* experimentou a novidade e ficou impressionado com o efeito da força destruidora e a precisão no alvo. Então, Tokitaka pediu e conseguiu comprar dos portugueses uma espingarda, pagando o preço que lhe foi exigido. Passou a praticar o manuseio da arma e fez com que seus subordinados aprendessem a preparar a pólvora.

No ano seguinte, numa nau lusitana chegou um espingardeiro. Tokitaka, de pronto, negociou para que um vassalo aprendesse a técnica da confecção da arma. Outros *daimyo*, tomando conhecimento do fato, interessaram-se muito, pois viviam em constantes lutas entre si.

Inicialmente, estes Senhores conseguiram comprar dos navios portugueses quantas armas conseguiam a preços elevados. Logo, a espingarda e o mosquete propagaram-se pelos feudos, mudando a tática de guerra.

Entretanto, quem soube usar a arma de fogo em grande escala e de forma revolucionária foi o genial Oda Nobunaga na campanha da unificação nacional. Enfrentando o notável *daimyo*

Katsuyori Takeda, colocou 3.500 soldados de infantaria armados de mosquetes, dizimando a cavalaria de Takeda.

Como o uso da espingarda e do mosquete iniciou-se em Tanegashima, a nova arma ficou com essa denominação por muito tempo. Entretanto, *teppô* é seu nome correto. A nomenclatura e o local, Tanegashima, são marcos da presença de Portugal no longínquo Japão, dando início à introdução da influência ocidental naquele país.

3 A Importância da Presença Lusíada no Japão

Em um século de contínuo relacionamento luso-japonês – séculos XVI e XVII – foi importante e efetiva a contribuição dos portugueses para a evolução cultural do Japão pré-moderno. Esse período foi de curta duração, considerando a situação histórica encontrada e a conseqüência germinada desses contatos.

Mas houve sérias dificuldades enfrentadas: cristianizar o japonês, cuja crença era uma amálgama do xintoísmo nativo, do budismo indiano e confucionismo chinês; entendimento da concepção ocidental do mundo e da natureza aos nipônicos, cujas idéias estavam consolidadas há um milênio pelo pensamento chinês e indiano; Shogunato Tokugawa e a perseguição aos cristãos; fim de qualquer contato com as potências católicas; e política de isolamento com o resto do mundo.

Durante a presença dos portugueses no Japão, não houve perigo militar externo algum. Se houve desafio, foi dos comerciantes e missionários que tinham um fim puramente comercial, cultural e religioso. Destaca-se São Francisco Xavier, jesuíta, que evangelizou os japoneses e os influenciou muito na aproximação com o Ocidente. Os jesuítas exerceram profunda influência cultural, além da religiosa. Quando da expulsão dos missionários do país, calcula-se que haveria dois milhões de católicos para uma população de vinte milhões de japoneses.

Os portugueses deixaram uma rica série de obras escritas em japonês e português, pois os jesuítas levaram a imprensa, a primeira letra romana que entrou no Japão. Porém, os japoneses já usavam a xilografia para imprimir livros, desde o século VIII. Assim, os tipos móveis de ferro fundido, o método tipográfico, não foi bem aceito por eles, voltando à xilografia.

Quando Hideoyoshi expulsou-os de Kyoto, os missionários instalaram um colégio e uma oficina tipográfica em Amakusa, Kyushu. Então, os livros europeus foram traduzidos para o japonês coloquial e impressos em alfabeto romano; do mesmo modo, foram editados livros em idioma japonês, porém em alfabeto latino. Por exemplo:

Heike Monogatari – um clássico da literatura japonesa em 1590, em cuja capa, além do título, se lê: “*Nibon no Cotoba to istoria o Xiran ... hito no tame*” (Para aqueles que desejam conhecer a língua e a história do Japão). É a história do clã Taira. Encontra-se hoje no Museu Britânico e parece ser o único exemplar da obra.

Arte da Lingoa de Japan – é um estudo gramatical da língua japonesa, sendo o primeiro a surgir no país. Foi escrito pelo Pe. João Rodrigues que tinha paixão pela língua e gramática japonesa e, tendo morado 33 anos no Japão, falava fluentemente o idioma.

Arte Breve da Lingoa Japoa, História da Igreja do Japão e Arte do Chá – todos escritos pelo mesmo Pe. João Rodrigues, que também foi intérprete e diplomata, desfrutava da amizade de notáveis *shoguns*. Os livros: **Dictonarium latino Lusitanicum, ac Japonium, Vocabulário da Lingoa de Japan com a Declaração em Portuguez** foram obras valiosas para os estudiosos nipônicos, fazendo com que muitos deles dominassem razoavelmente a língua portuguesa e servissem como intérpretes junto às autoridades, religiosos e comerciantes portugueses.

Crônica da Espingarda (Teppô-ki) – escrito pelo monge Bunshi Nampo, a pedido do *daimyo* Tanegashima Tokitaka, sobre a arma nos primeiros tempos, sua história e sua influência.

Fábulas de Esopo traduzidas e impressas em caracteres japoneses e a versão nipônica em letras romanas.

Cartas Annales – relatórios dos jesuítas que constituem documentos históricos de importância sobre os japoneses, seus costumes, cultura, história, geografia, etc.

História do Japão merece destaque. Foi escrita pelo Pe. Luís Fróis, porém seus manuscritos estavam esparsos. Narra fatos históricos que presenciou nos vinte anos em que viveu no Japão. É considerada valiosa fonte de consulta. Os textos foram reunidos e sua tradução completa está em 12 volumes de 370 páginas em cada um.

4 Usos e Costumes

Os japoneses sempre tiveram a característica do gosto pelo novo, mas tomando elementos estranhos à sua cultura e, depois, remodelando, adaptando, modificando. Assim se apresentaram desde aquela época na arte, na moda, na técnica etc.

Em diversas localidades, principalmente em Kyoto, tornou-se moda usar peças do vestuário português: gibão, calças tipo balão, mantos largos, tecidos de veludo, chapéu de feltro de copa alta; as senhoras da aristocracia e os atores do teatro kabuki enfeitavam-se com terços e cruces no pescoço, os símbolos da fé católica.

O mesmo ocorria com as tigelas de chá com cruces desenhadas; passaram a usar castiçais, figuras de *nanban-jin* adornando caixas de laca, selas dos cavalos, estamparias nos tecidos; uso do tabaco; jogos de baralho e gamão.

Na culinária, os portugueses introduziram a batata-doce (Satsuma imo, porque foi cultivada inicialmente em Satsuma); a abóbora recebeu o nome de kabocha, porque foi trazida do Camboja; alguns preparados com farinha de trigo como o pão, bolo e biscoito, tempero etc.. Os japoneses não matavam animais para comer, só o javali; mas, por influência dos portugueses, passaram a comer carne de vaca, porco e galinha.

Quanto à linguagem, era elegante misturar palavras portuguesas nas conversas. No idioma japonês atual, há palavras que são usadas e ficaram incorporadas no vocabulário. Por exemplo:

Jiban – gibão	Kappa – capa
Birôdo – veludo	Kanterá – candeia
Kuruz – cruz	Kirisuto – Cristo
Tabaco – tabaco	Katoriku – católico
Caruta – carta de baralho	Botan – botão
Kabocha – abóbora, cabotíá	Tempurá – tempero, temporada
Pan – pão	Ámen – amém
Kasuterá – bolo de Castela, pão de ló	shabon – sabão
Bisuketo – biscoito	koppu – copo
	areruia – aleluia

Em Kyushu, onde havia maior concentração de cristãos, diz-se que quatro mil palavras portuguesas eram utilizadas.

Os conhecimentos em ciência e técnica aprendidos pelos japoneses através dos navegadores e missionários portugueses foram valiosos. Aprenderam cartografia, geometria, astronomia, arte náutica, construção naval e medicina. Destacam-se:

Cristóvão Ferreira notabilizou-se pelo conhecimento do idioma nipônico, servia de intérprete, muito estudioso, conhecia a Física, Astronomia e Medicina. Escreveu *Tradição Secreta da Cirurgia Nanban; Céu e Terra, com Comentários*; livro de Astronomia escrito em latim e traduzido para o japonês por ele próprio. Foi o introdutor do pensamento científico ocidental.

Dr. Luís de Almeida era licenciado para exercer a Medicina e é anterior a Cristóvão Ferreira. Médico cirurgião e farmacólogo, foi ao Japão acompanhando missionários. Fundou em Oita (1556) uma creche para crianças desamparadas e, no ano seguinte, criou um hospital onde lecionava medicina, realizava cirurgias preparando assistentes japoneses. Foram as primeiras cirurgias feitas no Japão. Instalou uma farmácia para aviar medicamentos com ervas vindas de Macau, usou também remédios. Era procurado por doentes de muitas partes do país. Quando não pode mais clinicar, seus discípulos continuaram seu trabalho: a medicina dos bárbaros do sul – *Nanban-igaku*.

Os portugueses ainda deixaram como legado em Geografia o conhecimento do mundo exterior através de mapas e globos trazidos por eles.

Em 1630, foram confeccionados no Japão um mapa-múndi e uma esfera armilar por Fukada. Em Astronomia, os japoneses conhecem: o método de medir a latitude pela posição do Sol e do Cruzeiro do Sul, técnica para leitura da bússola, medida do quadrante, astrolábio, uso da sonda e mapa de navegação.

Na Arte da Guerra, a espingarda veio trazer outras conseqüências:

- Aperfeiçoamento na construção naval: chapas de ferro no casco;
- Armadura dos samurais mais resistentes;
- Modificação na estrutura das fortalezas;

- Necessidade de importar matérias primas para produções diversas: ferro (China), salitre – pólvora (China e Sião);
- Livro sobre artilharia: *Tratado de Artilharia da Escola Inatomi-ryu*.

Os jesuítas se preocupavam com a educação e o ensino. Fundaram cerca de 200 escolas com 12 mil alunos; nos seminários ensinavam: japonês, português, latim, literatura, história do Japão, matemática, arte e fundamentos da filosofia e teologia. Com a proibição do cristianismo, todas essas escolas foram fechadas.

Quanto às Artes, há muito ainda a ser explorado em se tratando da influência lusíada nas artes japonesas:

Música – introdução de instrumentos europeus como: cravo, harpa, viola, alaúde e violino; aprendizagem de música vocal e instrumental, canções e hinos religiosos.

Escultura – não deixou muita influência, talvez devido à destruição de imagens católicas no Shogunato Tokugawa.

Pintura – introdução da pintura européia com a utilização de material e técnica muito diferentes da arte pictórica japonesa. A pintura levada pelos missionários era relacionada ao cristianismo, como quadros a óleo da Virgem Maria, Jesus e outros, que decoravam as igrejas e que eram copiadas pelos japoneses. A pintura *Nanban* era a pintura cristã no Japão. O maior legado e de importância da pintura ocidental é o chamado *Nanban-byōbu*, isto é, biombos *Nanban*, trabalhados pelos artistas japoneses. O tema principal é a chegada dos portugueses ao Japão em suas naus negras – *kurofune* – ou o cortejo dos bárbaros do sul – *nanban guyōretsū*. Na observação dos elementos da pintura, vê-se a reprodução dos vestuários, animais, objetos, construções e seu interior, o séqüito dos nobres portugueses daquela época. Há também biombos reproduzindo mapa-múndi, cidades como Lisboa, Constantinopla, Roma etc.

O Sr. Eitoku Kanô é um dos representantes na história da pintura no Japão. A arte *nanban* existente hoje está no Museu Nacional de Tóquio, Museu Municipal de Arte *Nanban* de Kobe, Kyoto, Nagasaki, nas igrejas, castelos, universidades etc. A Arte *Nanban*, portanto, é o tesouro de beleza deixada pela influência lusíada.

Conclusão

É incontestável que a nação japonesa assimilou aspectos importantes da cultura européia através dos portugueses. A presença deste povo no Japão foi marcante, lançando sementes do conhecimento científico e técnico ocidental durante um século, e que, apesar do isolacionismo imposto por Tokugawa até a Restauração Meiji, os japoneses se dedicaram aos estudos do Nanban-gaku, ou seja, Ciência ou Estudos dos Bárbaros do Sul.

Por isso, quando a revolução da modernização ocorreu, através da pronta e fácil aceitação e assimilação da ciência e tecnologia pelos japoneses, este povo já possuía um acervo da sabedoria ocidental.

O japonês não seria o primeiro povo asiático a modernizar-se, se não fosse o valioso antecedente histórico da presença da cultura lusíada no **Japão**, como também a posição que ocupa hoje no cenário internacional, é resultado do caminho preparado pelos intrépidos portugueses há 460 anos atrás.

Em particular, como descendente de japoneses, saúdo:

PORTUGAL, doomo arigatô!
Muito obrigada!

Prof.^a Estela Okabayaski Fuzi

Bibliografia

ACADEMIA Lusíada de Ciências, Letras e Artes. **Voz Lusíada**. São Paulo, 1993 e 1994.

BEUTTENMÜLLER, A. **Portugal – Japão – Mares Navegados**. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, Aliança Cultural Brasil/Japão, Gráfica Palas Athena, 1993.

CABEZAS, Antonio. **El Siglo Ibérico de Japón - la presencia hispano-portuguesa en Japón**—Valladolid, España: Secretariado de Publicaciones, 1994.

CHAVES, Fernando. **Portugal na abertura do Mundo**. Lisboa: Studio Box, 1993.

COMISSÃO Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. **Biombos dos Portugueses**. São Paulo: GIR, 1993.

LISBOA, L. Carlos; ARAKAKI, Mara Rúbia. **NAMBAN O dia em que o Ocidente descobriu o Japão**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil/Japão, Editora Estação Liberdade, 1993.

MORAES, Wenceslau de. **Dai Nippon**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1993.

SETTE, L. P. Lindenberg. **A Revolução Samurai**. São Paulo: Massao Ohno, Aliança Cultural Brasil/Japão, 1991.

TAZAWA, Yutaka et al. **História Cultural do Japão** – uma perspectiva. Tóquio: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1973.

TOKYO University of Foreign Studies. **Japanese History** - an introductory text. Tóquio: Yamakawa Co, 1990.

UNIVERSIDADE de São Paulo. Dossiê Brasil – Japão. **Revista USP**, São Paulo, n. 27, 1995.

YAMASHIRO, José. **Okinawa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.

_____. **Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Introdução Brasileira de Difusão Cultural Ltda, 1989.

_____. **Japão passado e presente**. São Paulo: IBRASA, 1986.